

# O FORMIGUEIRO

JORNAL PARA TODOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO XAVIER DA CUNHA

Off. de L. P. de F. e L. de M. de J. de V. de 2-V-1923.

1882  
5 ANNO

ASSIGNATURA (PAGA ADIANTADA)  
Anno ou 48 numeros, 600; semestre  
300; Para fora augmenta a estampilha.

PUBLICA-SE AS 2.<sup>as</sup>-FEIRAS

2.<sup>a</sup>-FEIRA 16 DE JANEIRO

ESCRITORIO

Rua de S. Damaso

N. 103

GUIMARÃES, 16 DE JANEIRO

## EM QUE TEMPO ESTAMOS?

Causa mal aos nervos a noticia que nos chegou, ainda que tarde, d'uma atrocidade que se attribue a uns dos agentes de policia d'esta cidade, praticada na noite de 6 do corrente.

E' certo que a solemnidade do dia desculpava até certo ponto estes commettimentos, porque se libou demasiado talvez em honra dos Tres Reis do Oriente; mas porventura o povo terá de pagar a policia para ella se embriegar, e depois o maltratar de pancadas? E' impossivel.

Não sabemos que o Regulamento da policia, até hoje, tenha algum artigo que lhe dê a faculdade de espancar ninguem, embriagado ou não e antes pelo contrario é sabido de todos que elle lhe aconselha a maxima prudencia, pois que só ella pode dar em resultado um bom serviço. A policia civil, porém, nasceu torta, e quem torto nasce...

Vamos ao facto, narrado tal a informação que temos:

Na sexta-feira penultima, dia de Reis, pela 1 hora da noite, dois ou tres policias encontraram um individuo turbado com as libações excessivas e diz-se que ou

porque estivessem mais bebados do que elle, ou porque não estivessem de bom humor, tentaram levá-lo preso, em lugar de o encaminhar para sua casa, como deveriam fazer quando não fosse por instigação do Regulamento, ao menos por caridade. Não sabemos o que houve entre os individuos presentes: o certo é que o infeliz apanhou com um cacete n'um punho, ficou com a cara esmurrada e a testa aberta, devido a empurrão e tudo isto se attribue aos policias!

O embriagado lamentava-se, porque é homem morigerado, sem culpa aberta em cartorio nenhum, nem mesmo ser conhecido das authorities. E', além d'isso bem comportado e não consta que seja dado a bebidas. Exclamava que não resistia, que era humilde, mas um dos policias, despota ou estúpido, empurrava-o e alcinhava-o de *grande bebado*, já muito conhecido, como se elle, tendo vindo ha dois dias de Braga, o conhecesse já!

Em que tempo estamos nós?

Qual é a lei que permite o espancamento policial?

Quererá a policia que retrogrademos á epoca do cacete?

E' possível que queira porque ella é composta na maior parte de canalhas que só de cacete ou faca em punho poderiam

fazer-se respeitar; mas nós temos ali um funcionario que allia a integridade á rectidão e esse decerto lhe fará ver que se engana: é o excm.<sup>o</sup> sr. dr. delegado a quem recommendamos para elles todo o rigor da lei, para socego dos habitantes d'esta terra.

Afirmam-nos que o chefe, Moreira, foi d'uma delicadesa e caridade espantosa no curativo e tratamento do individuo. A cada um o que lhe toca.

## ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO

Tomou finalmente posse do seu cargo de administrador effectivo o sr. bacharel Manoel de Castro Sampaio, sympathico e intelligente cavalheiro que allia ás suas melhores qualidades o criterio fino das pessoas sensatas e a maduresa do philosopho.

Felizmente!

E dizemos assim, porque não gostamos de fazer critica de pessoa alguma, por mais absurda que seja, e d'esta fórma nos vemos desobrigados de fallar do sr. Domingos—a quem recommendaremos o *violão*—o qual (sejam dadas graças a Deus!) tambem por este motivo se

## FOLHETIM

### CASOS

O sr. Joaquim de Sousa era um homem baixo, de faces rubicundas, d'uma bella cor de rosa e uns olhos muito vivos, muito bolicosos, que deixavam ver na sua mobilidade uma imaginação esparta. Tinha 40 annos. O seu cabello principiava a branquear e nas faces appareciam algumas rugas, o que evidenciava uma vida de cuidados e attribulações.

O seu ar franco, aberto, sempre alegre e expansivo para toda a gente, com a physionomia risonha, prehe de satisfação, conquistava innumeraveis sympathias. Tinha um estabelecimento de fazendas e vendia por grosso e a retalho. Viera cedo para este negocio e aprendera a viver com todos, o que lhe conquistara uma quantidade enorme de amigos e freguezes. Tivera as suas adversidades emquanto no

vo, porém, depois, a fortuna começou a correr-lhe favoravel e eil-o em pleno apogeu de felicidade.

Aos 20 annos era elle caixeiro, estabeleceu-se aos 30 com uma pequena loja em sitio pouco concorrido, mas aonde iam todos os seus antigos conhecidos, por lhe saberem o genio e amabilidade em servir-os; na sua loja não havia panno ruim nem feio, pois elle encarecia de tal modo as cousas que era admiravel e pasmosa a sua habilidade em vender: porque isto é muito bonito; porque tem um aspecto... uma cor... ora veja... ora apalpe... quer assim, quer assado,—não compra igual em parte nenhuma.

Eu amostrô. E votava abaixo umas poucas de pessos, sempre ligeiro, sempre amigo de fazer a vontade, com um sorriso, com uns modos que encantava. A sua loja era ignorada, mas muito concorrida. Não votava annuncios pomposos, não se servia do titulo de barateiro. Os seus annuncios, o seu titulo estava nos modos com que acolhia o freguez, no bom

sortimento da loja; porque, ainda que em pequena escala o seu estabelecimento tinha de tudo: do bom, do barato, do feio, do bonito, do caro.

Mais tarde estabelecia-se elle em outra parte, com uma loja mais açada, mais elegante.

O sr. Joaquim de Sousa casara com uma rapariga bella mas pobre, modesta e boa.

A sua casa, tinha uma apparencia poetica.

A sua salla, sempre bem arranjada, com um aceio e limpesa inexciveis, denotava a mão cuidadosa de sua mulher.

Havia uma ordem e disposição admiravel em tudo.

Os moveis brilhavam como um espelho.

Havia um ar de conforto e bem estar que enchia de consolação as pessoas que alli entravam.

(Continua)

ANIGETO VIEIRA.

retirou da vida publica para se metter na privada, d'onde melhor seria para elle nunca ter sabido.

Consta-nos que o snr. Manoel de Castro, pensando na inconveniencia, de consentir na patifaria que ahi se presencaia com o infeliz e indecente doido, deu já ordens terminantes para serem presas e remettidas ao tribunal competente as pessoas que aperrearem o tresloucado, e esta medida acertadissima tem sido louvada por todos os vimaranenses, pois que a desmoralisação estava já em tal grau que não havia criança nenhuma, por pequena que fosse, que não repetisse as indecentes phrases do pobre cocheiro.

Não menos bem tem sido recebido o boato de tencionar s. exc.<sup>a</sup> ser inexoravel para com os individuos que vão para o theatro de Gil Vicente fazer *dharrivari* com o unico intuito de fazer sossobrar a empresa e tirar aos artistas o limitado lucro que d'ahi auferem. Applaudimos igualmente, porque nos custa ouvir criticar os pateantes, a terra e as autoridades que lhes toleram as demasias.

S. exc.<sup>a</sup> é aqui o commissario de policia, visto que é administrador do concelho. Recommendamos-lhe portanto o nosso escripto anterior, porque o que elle informa, indispõe a cidade toda e esta precisa uma satisfação.

Siga s. exc.<sup>a</sup> o trilho que encetou, que nos parece conseguirá uma reputação que nós mesmo a principio, quando se fallou no seu nome para o cargo que exerce agora, lhe repudiavamos.

## Theatros

Teve hontem logar no theatro Gil Vicente mais uma d'essas scenas que envergonham os iniciadores e a terra em que se praticam. A plateia foi insultada, a autoridade escarnecida, e d'este labyrintho ia resultando grande desordem, porque na plateia tinham entrado cacetes que fizeram a sua obrigação nos bancos e no ar com destino ás costelas dos espectadores. E tudo isto, porque não ha motivo para nada, ou porque ha *ha muito demais*, em consequencia de não haver ainda nenhum ido parar á cadeia, e dormir lá até lhe passar o mau humor.

Em outras eras, no theatro de S. João, succedeu a mesma patifaria. O governador civil, Rodrigo de Magalhães, se nos não falha a memoria, chamou os promotores, admoestou-os, e como elles continuassem chama uma noite reforço da municipal e apresenta com elles na cadeia, tornando-se tão severo que para lhes dar a liberdade foi preciso intervir n'isso o ministro do reino! Desde então, acabaram os tumultos.

Não diremos que agora se possa aqui fazer o mesmo, porque a autoridade não tem a força precisa: está com tres ou oito homens! O que isto não pôde é continuar assim, a não ser que se dê plena authorisação para podermos ir para lá de bacamarte e punhal...

Consta-nos que o snr. Moreira, chefe de policia, deu a devida participação do tumulto, a qual decerto a esta hora já deve estar no poder judicial.

—Para os bailes do theatro de D. Afonso Henriques não se effectuou hontem a arrematação da casa, em consequencia de estar incommodado o snr. Luiz Martins, intelligente secretario da direcção.

## D'onde virá o mal?

Temos esta semana sido o alvo das queixas dos nossos assignantes de fóra por causa das irregularidades do correio. Da Lixa appareceu-nos um que ha já dois mezes não recebe o jornal. Do Arco (Cabeceiras de Basto) outro com igual queixa, notando-se que o primeiro queixou-se na quinta feira e o segundo na sexta sem que ainda tivessem recebido o jornal que d'esta redacção sahiu na terça-feira ao meio dia, e outro de Vizella queixando-se que não costumam receber lá o jornal senão na quinta-feira!!!

Ora isto é impossivel, e nós desejamos muito saber d'onde vem o mal. As faltas com esta folha são pelo que se vê continuas, e nós não temos obrigação de dar o jornal de graça a ninguem, nem os nossos amigos e assignantes tem o dever de pagar para outros lèrem.

Por hoje nada mais diremos, nem accusamos esta ou aquella direcção e terminamos pedindo aos nossos assignantes o distincto obsequio de nos informar de qualquer falta que tenham do jornal, para começarmos então a indagar quem são os culpados.

Aos nossos estimaveis leitores recommendamos a secção de Variedades, onde encontrarão um excellente escripto da excm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

## Uma alcochete

Qualquer rapariga que não casa cedo, recebe passar a *tia* e ter de se sujeitar aos onze e cinco da peça, mas uma viuva que se torna libertina, e joga com todos os *paus*, é muito maia vil, muito mais abjecta, quando além de chafurdar continuamente no todo da deshonra, se torna *alcochete*.

E' horrivel, desgraçada a posição; mas agrada-lhe, é quanto basta.

Ha ahi para a rua Nova de Santo Antonio uma d'essas *honradas*, que não contente com as suas façanhas nocturnas ainda peorou, tornando-se alcochete de mulheres casadas; quer dizer: distribuindo zizancias no seio de casados. Aquella mulher, que a sociedade repugna, e as infelizes escarnecem porque lhe rouba o torpe lucro da sua mercenagem infame,

não sabendo como tornar-se má, como fazendo-se vibora no seio das familias, levanta mentiras e tenta despedaçar, aniquilar a paz dos casados!..

Temos pena não sabermos o nome d'esta... *honrada* para o publicarmos e apontarmos aos nossos leitores.

A policia *sanitaria* que tome conta d'ella.

## Ao theatro

E' o que se houve hoje. Se é o beneficio do jocoso e patusco Arlindo, que não ha ninguem que não aprecie, como actor...

De mais d'isso o espectáculo é convidativo, e até nos deixará analysar o celebre «Sachristão das Freiras,» com musica do talentoso padre Eugenio. Pois nós só por isto, e porque a orchestra é augmentada, não podemos tambem deixar de gritar:

Ao theatro, senhores!

Pedem-nos a publicação do seguinte:

## Bons pimpões!

No sabbado passado, 7 do corrente, uns individuos da Costa, resolveram fazer saber uma *festada* levando consigo uns 50 e tantos homens para tocarem á força aonde os não deixassem indo entre elles os snrs: Antonio Casa Velha, Antonio de Pinheiro, Francisco Fraga e Joaquim Santo Amaro. Tambem ia no numero o snr. Antonio de Carvalho, com seu filho, este como empreiteiro da festada e aquelle como guardião.

Chegados ao sitio quatro individuos—quatro!—appareceram, atrancaram-se-lhe no caminho e fizeram retirar toda aquella legião de valentões, sem sequer poderem tirar uma gaitada!!!

São realmente vrlentes! E para isto até foi preciso levar o proprio regedor...

## Parece fabula!

Querem os leitores saber qual é a força publica que ha dias temos tido ás ordens do snr. administrador e a vigiar a segurança particular?

Querem saber?

—Seis policias, ao todo!!

D'estes seis, um adoeceu no domingo, tres estiveram de guarda á cadeia e dois estiveram na estação até ánoite, quando esta teve de ser fechada para os dois irem dar um *passeio* pela cidade!

E' só policia no nome, porque seis homens valem tanto como um ou nenhum, para o serviço que ha n'uma terra d'estas.

De forma que nos podemos esfaquear

à vontade, entretanto que o Affonso doce e o rei de Portugal vão gastando á farta o que tanto custou ao contribuinte.

## Errata

Na correspondencia de Fafe, publicada no ultimo numero escapou um erro. Onde se diz: ainda não petisque d'essas farinhas esse deposito de mel; de favos estou como o bombo do tapada, deve lêr-se: «ainda não petisquei d'esses favinhos esse deposito de mel; de favas estou como lombo do Tapado.»

## CORRESPONDENCIAS

Vizella, 13 de Janeiro de 1882

Com admiração li no ultimo numero d'este jornal uma correspondencia d'aqui que não está em pleno accordo com os factos. E' verdade que se ventila a tal-questão, mas o que não é certo é que ella se ventile entre os dois cavalheiros indicados, mas sim entre os snrs. Fortunato Basto, (proprietario) e Joanna da Fonte, tanto mais que o snr. Antonio Dias Pereira já não tem nada com o predio a que se allude.

Esta é a verdade que lhe pede para publicar

*Um assignante.*

## VARIÉDADES

### JOÃO GRANDE E JOÃO PEQUENO

Eram d'uma vez dois saloios que tinham o mesmo nome de baptismo. Tanto um como outro se chamavam João, mas um tinha só um cavallo e o outro nada menos de quatro. Para se differenciar um do outro tinham posto ao do cavallo só, o João Pequeno. Ora justamente o João Pequeno é que era o mais alto, mas que querem meus meninos? tambem era o mais pobre, e n'este mundo... Emfim saberão mais tarde estas cousas...

Oçam agora com attenção o que lhes succedeu, porque isto é uma historia verdadeira.

Toda a semana andava o João Pequeno a trabalhar para o João Grande, pondo á charrua d'este o seu cavallo unico. Em compensação ao domingo o João Grande trazia os seus quatro cavallos, e emprestava-os ao João Pequeno para este fazer a sua lavoura.

Então é que era vêr como o João Pequeno abarrotava de contente! Metteu-se-lhe na cabeça que n'aquelle dia os cinco cavallos eram d'elle.

Impostor! Um domingo, por signal que era dia da festa do logarejo, toda a gente que passava para a igreja via o João Pequeno que lavrava as suas leiras, com a charrua e os cinco cavallos, fazendo toda a bulha que podia e gritando

como um possesso:—Para a frente meus cinco cavallos!

Que é que tu estás ahí a dizer, disse-lhe o João Grande muito zangado! Pois tu não sabes que só um dos cavallos é que é teu?

Mas n'este ponto ia passando mais gente e o João Pequeno sem querer saber da reprehensão do outro tornou a berrear:—Para a frente meus cinco cavallos!

Faze favor de me não tornares a dizer isso! Se cáes n'outra dou tamanha cacetada na cabeça do teu cavallo que o mato. Quero vêr depois com quantos cavallos ficas!

Descança que não torno mais,olveu o João Pequeno.

Eis senão quando quem ha-de passar na estrada! Passa um saloio muito rico, um lavrador de mão cheia, que fez um aceno affectuoso ao João Pequeno. Este pensou logo que seria para elle muito agradável que o saloio rico julgasse que os cinco cavallos lhe pertenciam, e dando com o chicote um grande estallo, torna a gritar ainda mais alto que das outras vezes:—Para a frente meus cinco cavallos!

—Espera que eu te ensino a mandar para a frente os teus cinco cavallos!— diz logo o João Grande fulo de raiva. E pega n'um machado e tal golpe atira á cabeça do cavallo que o pobre animal cahiu por terra para nunca mais se levantar.

—Ai! ai! gritava muito choroso o triste do João Pequeno. Meu querido cavallo! fiquei sem cavallo que me vai agora fazer tamanha falta!

Mas depois de muitas lamentações como era bastante esperto, pensou de si para si que não era bom perder tudo, esfolhou o cavallo, seccou o coiro ao sol, metteo n'um sacco, e oíl-o a caminho da cidade para vender a sua pelle de cavallo.

A distancia do tal logarejo até á cidade era grande, e João Pequeno tinha de atravessar uma grande charneca solitaria. A meio d'ella apanhou-o uma trovoadá enorme, e o pobre saloio perdeu-se de tal modo que nem soube voltar para casa, nem achou o caminho da cidade. Estava dizendo mal da sua vida, quando avistou ao longe uma lojinha. Foi andando guiado por ella e veio bater á porta d'um casal.

Veio uma mulher saber quem era. O João Pequeno pediu-lhe agasalho por aquella noite, mas ella respondeu que fosse andando o seu caminho, pois que seu amo não estava em casa e que ella na ausencia d'este não dava abrigo a desconhecidos.

Ao pé da casa havia felizmente um celleiro, coberto por um tecto de colmo.

—Trepo por alli a cima—pensou o João Pequeno—e deito-me em cima do colmo que é macio.

Dito e feito.

Trepou para cima do tecto, enrolou-se alli como um gato, e preparou-se para passar a noite.

N'isto percebe que do mirante improvisado em que estava, via tudo que se passava na casa onde lhe tinham negado poisada.

Que havia d'elle vêr lá? Uma mesa com a sua toalha muito branca, e em cima da mesa um prato com bella carne assada, uma travessa com uma grande pescada cosida e uma garrafa de vinho.

A' mēsa estavam a criada e o sachristão da freguezia. A creada deitava vinho no copo do sachristão, e este ensaiava-se para comer uma post de peixe que era mesmo um regalo vêl-a

O João Pequeno que não tinha ceado sentia crescer-lhe a agua na bocca aovêr aquelles ricos guisados! E espreitando melhor, viu tambem um bolo muito grande, que sabia, mesmo n'aquelle instante do forno e que os dois gulosos iam comer á sobremesa.

N'isto ouve-se o tropel d'um cavallo, era nem mais nem menos que o proprio dono da casa que entrava sem ser esperado.

Acontecia que o tal sujeito apesar de muito boa pessoa, embirrava solememente com os sachristões. Um dia quando era ainda rapaz da escola tinha-lhe um sachristão batido sem mais nem menos. Nunca se esqueceu d'aquelle partida e jurou que sachristão que elle topasse no seu caminho era logo sachristão soavado.

A creada que era casada com um sachristão nunca lh'o tinha confessado por conhecer aquella zanga, e quando recebia a visita do marido era sempre quando o amo andava por uma vanda e por outra a tratar dos seus negocios.

Quando elles ouviram os passos do cavallo, ficaram como vulgarmente se diz sem saberem onde se haviam de metter.

A creada qediú ao sachristão que se escondesse n'um caixote vazio que para alli estava, o que elle fez logo com a melhor vontade porque sabia a manha que o lavrador tinha de embirrar com tudo que lhe cheirava a sachristão.

(Continua)

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## ANNUNCIOS

### VENDA DE CASA

VENDE-SE ou aluga-se a casa da rua do Miradouro ao canto da rua da Igreja com quintal e agua de bica.

Para tratar na rua Nova de Santo Antonio n.º 48—Guimarães.

TRIPAS das que fazem lambor o beijo, ás quartas-feiras no Novo Restaurant de José d'Oliveira Rede Junior, no armazem de Villa Pouca.

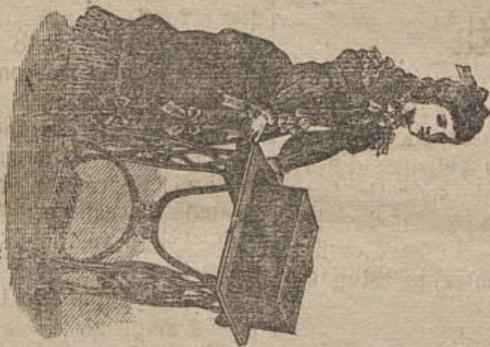
### DESPEDIDA

ANTONIO Monteiro Osorio, das Caldas de Vizella, tendo de retirar-se por algum tempo, para a sua terra natal, e não podendo despedir-se pessoalmente de todos as pessoas da sua amizade, o faz por este meio e pede desculpa d'esta involuntaria falta, offerecendo o seu fraco prestimo em Celorico da Beira.

Antonio Monteiro Osorio

# MACHINAS DE COSTURA

# GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS EM MACHINAS



Luiz José Gonçalves Bastos,  
com estabelecimento de fazen-  
das brancas e **EM GRANDE**  
**DEPOSITO DE MACHI-**  
**NAS** á rua de S. Damaso, pre-  
vive o publico em geral que aca-  
ba de receber um novo e com-  
pleto sor- **MACHINAS**  
tido de **DE COSTURA, XVI-**  
**DADE**, entre as quaes:

**Machinas com pedal**  
**de pendula e Machinas**  
**com pedaes manjicos**—Es-  
tas machinas são tao vantajosas  
para a pessoa que trabalho n'el-  
las, que todos os meycos as recomendam para combater o  
cansaco que as outras causavam. Além d'isso o seu aperfeiço-  
mento é tal que são privilegiadas por todos os governos, o  
que é decerto uma prova da sua superioridade.

Não se enganem. Estas excellentes machinas só se encon-  
tram na rua de S. Damaso. Todas as machinas teem canel-  
ros automaticos, que dão um resultado no ponto incompara-  
vel ao de outra qualquer machina. Esta novidade só se encon-  
tra á venda n'este deposito.

Não se iludam com os pomposos annuncios d'outros de-  
positos, porque esses **SO TEM MACHINAS DE UMA QUA-**  
**LIDADE**, pelo que não podem servir bem os compradores.  
Aqui ha-as de todos os anhores, para se vender á escolha do  
freguez e se não ter de **impingir gato por lebre**.

As machinas são garantidas. Ensinho gratis, em casa dos  
compradores, como se tem feito sempre. Concentram-se machi-  
nas de todo e qualquer systema, por preços baratos.  
Já chegou grande sor- **fazer meia**. São tao van-  
tamento de machinas de **tafajas** que  
podem fazer **20 pares por dia!!!**

Os preços de todas as machinas é entre 10\$000 reis até  
60\$000. Também n'este estabelecimento se encontra um lin-  
do e variado sortimento de papeis pintados para forrar salas,  
desde 80 até 1\$800 reis. Sortimento de agulhas, retrozes e  
todos os accessorios para machinas.

# MACHINAS DE FAZER MEIA

## Venda de vinhos do Douro

**QUEM** quizer comprar, por junto ou em porções, os vinhos abaixo relacionados e pertencentes a uma casa muito acreditada, dirija-se a Antonio José da Silva Basto, da rua de Santa Luzia, da cidade de Guimarães:

Vinho 1854, 4 pipas

- » Ronção de 1870, 2 pipas
- » Malvazia de 1872, 1879 e 1880, 3 pipas
- » Moscatel de 1872, 1870 e 1880, 4 pipas
- » Alvaralhão de 1879, 4 pipa
- » Velho, 3 pipas
- » Bastardo velho, 2 pipas
- » Prova secca, 2 pipas
- » Tinto fino, 2 pipas
- » Tinto de meza, 5 pipas
- » Lagrima, 6 pipas
- » de consumo, 15 pipas
- » de meza, 22 pipas
- » branco, 7 pipas

Geropiga branca, 2 pipas

Aguardente fina, 1 e meia pipa.

## Alquilaria lisbonense

Travessa de Donães n.º 15 e 17

**ALUGAM-SE** diligencias, victorias, caleches e char-a-bancs por preços os mais rasoavel possivel. Com filial em casa da senhora Maria Thereza Cardoso—a viuva Chappelleira—na rua de Camões n.º 22.

Proprietarios,

Antonio José Pereira Lisboa & C.ª

## NINGUEM TEM FRIO AOS PÉS

No deposito de calçado á rua de S. Damaso n.º 115, vendem-se chancas para homens e creanças por preços baixos em relação á sua optima qualidade.

Em o mesmo deposito ha bom sortimento de calçado de sola para homens, senhoras e creanças, que se vende por preços rasoaveis.

## DEPOSITO DE CALÇADO

28-RUA DE S. PAIO-30

N'este estabelecimento, ha pouco aberto n'esta rua, encontra-se á venda um bom sortido de calçado para homem, senhora, e criança, tudo por preços excessivamente **BARATOS**. Calçado para homem a principiar em 1\$600 reis; dito de duas sollas, de 2\$000 a 3\$000 reis.